

Navegando por redes sociais no ciberespaço: professores construindo, desconstruindo e reconstruindo identidades.

KARINA PEREIRA SOUTO¹

As tecnologias digitais têm ocupado papel central nas profundas mudanças experimentadas pelos sujeitos na contemporaneidade em todos os aspectos da vida social. Como artefatos culturais, as novas tecnologias, não podem ser deixados de lado, visto que, fazem parte impreterivelmente da história do tempo presente, história essa extremamente complexa, principalmente por causa da velocidade estonteante com que é posta, e os rumos que toma ressignificando as relações sociais e modificando suas práticas, gerando novas sensibilidades e ressignificando as já existentes. Sobre o fazer da História do tempo presente assim a descreve Pesavento:

Ora, tal campo implica tomar esta História na qual os acontecimentos estão ainda a se desenvolver. Trata-se de uma História ainda não acabada, em que o historiador não cumpre o seu papel de reconstruir um processo já acabado, de que se conhecem o fim e as consequências. Não se trata, pois da construção *ex-post* de algo que ocorreu por fora da experiência do vivido, pois o historiador é contemporâneo e, de certa forma, testemunha ocular de um processo que ainda se desdobra e de que não se conhece o término. (PESAVENTO, 2003 p.93)

Por um lado todas as tecnologias que dispomos inclusive as de comunicação digital são produtos de nossas intenções e propósitos. Os modos como nos apropriamos delas, o uso que fazemos reinventam constantemente suas características. Enquanto algumas possibilidades são exploradas, outras caem no esquecimento, recriando novos limites e potenciais da comunicação recriada pelo computador.

Portanto, não é suficiente falar em redes sociais² na internet, levando em conta os aspectos tecnológicos e esquecendo os sujeitos que interagem uns com os outros através desses canais de comunicação. Para isso precisamos ser capazes de compreender o conjunto complexo composto pelos aspectos humano e tecnológico que compõem as redes sociais.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História na UFCG

² Uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; o nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais) (Wasserman e Faust, 1994; Degenne e Forse, 1999)

No caso específico da nossa pesquisa, lançamos nosso olhar sobre professore/as e as identidades produzidas por estes, para si e para outros professores nas comunidades³ virtuais da rede social, *Orkut*. Como esses sujeitos tem se apropriado desse canal de comunicação para por em pauta questões sobre as identidades construídas, desconstruídas e reconstruídas no ciberespaço⁴.

O Orkut é um site de rede social que alcançou grande popularidade entre os internautas brasileiros. O sistema foi Criado por Orkut Buyukkokten, então aluno da universidade de Stanford e funcionário da empresa virtual Google, e lançado em 2004. O sistema rapidamente tornou-se popular no Brasil, que começou a crescer me meados de fevereiro de 2004 e acabou atingindo a maioria do sistema em junho do mesmo ano.

O Orkut funciona basicamente através de perfis e comunidades. Os perfis são criados pelas pessoas ao se cadastrar, que indicam também quem são seus amigos. As comunidades são criadas pelos indivíduos que podem agregar grupos, que funcionam com fóruns, com tópicos e mensagens onde são promovidos debates sobre assuntos relacionados ao tema central da comunidade.

Atualmente o Orkut possui um percentual de 51,16% do número total de usuários identificados como brasileiros, com mais de 21 milhões de visitantes únicos do Brasil apenas em setembro de 2008. Mais de 75% dos usuários do Orkut já foram identificados como brasileiros⁵.

Que o advento da internet representou mudanças diversas para a sociedade não é nenhuma novidade, mas o que pretendemos com a realização desse trabalho é analisar através dos discursos dos usuários das redes sociais, neste caso específico, os professores/as, como as ferramentas de comunicação mediadas pelo computador proporcionam-lhes o poder de construí-se, interagir e comunicar-se com outros professores e o público usuário em geral na rede de computadores.

³ O termo comunidade aqui trata unicamente de usar o termo através do qual o próprio sistema identifica esses grupos

⁴ Ciberespaço é um espaço de comunicação em que não é necessária a presença física do homem para constituir a comunicação como fonte de relacionamento, dando ênfase ao ato da imaginação, necessária para a criação de uma imagem anônima, que terá comunhão com os demais. É o espaço virtual para a comunicação disposto pelo meio de tecnologia. Fonte: Wikipédia. Acesso em janeiro de 2011.

⁵ Dados do Orkut.com. Acesso em novembro de 2010.

Sendo assim, é possível estabelecer conexões entre as múltiplas possibilidades ofertadas pelo advento da comunicação mediada pelo computador e sua influência na sociedade e na vida cotidiana. Os sujeitos buscam novas formas de conectar-se, estabelecer relações e formar comunidades, já que pelo ritmo de vida cada vez mais veloz, não conseguem encontrar espaço de interação social.

Mark Smith (1999), um estudioso do assunto explica que “*o ciberespaço está mudando a física social da vida humana, ampliando os poderes e tamanhos da interação social*”. Rheingold, um dos primeiros autores a utilizar efetivamente, o termo “comunidade virtual”, define-a:

As comunidades virtuais são agregados virtuais que surgem na rede (internet) quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas, durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no ciberespaço. (RHEINGOLD, 1999 p. 20)

A partir da observação participante, que vem se mostrando um método bastante pertinente para o historiador que está inserido na realidade estudada sendo assim testemunha ocular dos eventos que analisa, (GORI, 2006), estamos tendo a possibilidade de acompanhar em tempo real que discussões estão em pauta nas comunidades que agregam professores/as, que rumos tendem a tomar e enfim, participar ativamente a fim de dar continuidade aos debates.

Em pesquisa realizada recentemente no Orkut pudemos encontrar centenas de comunidades virtuais com temas que discutem e problematizam as identidades dos professores/as. Tais temas se configuram desde simples trocas sobre as práticas de ensino de cada usuário até as mais profundas angústias do “ser professor/a”, em ter o seu corpo e sua “alma”⁶ atravessados pelos mais diversos discursos: moral, ético, institucional, médico, histórico etc.

Citando algumas dessas comunidades: “Tia não, sou professora!”; “Professor de História não vota no PSDB”; “Professores”; “Professores e professoras”; “Jovens professores”; “Professores solidários”; “Professores rockeiros”; “Professores heróis”; “Eu amo ser professor”; “O melhor de ser professor”; “Eu odeio ser professor”; “Professora é tia, Por que não?”; “Mas... você vai ser professor?”; “Professor de história não é calendário”; “Professor de geografia não é mapa-mundi”; entre outras que

⁶ Quando digo a corpo e alma, refiro-me a um sujeito encarnado, capaz de pensar o seu próprio corpo para além de qualquer discurso.

agregam professores de disciplinas específicas, sem esquecer as que se destinam a elogiar determinados professores/as ou massacrá-lo/as virtualmente, criadas por alunos.⁷

Ainda é possível observar nos perfis dos usuários no Orkut algumas de suas preferências em relação à música, literatura, gênero, consumo de produtos, entre outros que possibilitam a identificação de um usuário com outros que nunca tiveram contato físico, mas experimentam afinidades através das comunidades virtuais.

Durante a pesquisa inicial destacamos alguns debates propostos nos fóruns dessas comunidades. Vejamos alguns exemplos:

Professor de História não vota no PSDB!

Usuário (a) 1- “Um professor de História que vota em Serra deve ler toda a série de Hobsbawm e reconsiderar o voto! Serra é do DEM... SERRA É DO DEM”.

Usuário (a) 2- “Olha a tamanha ignorância digna do discurso velho que tanto se combate

Eu me assusto ainda com a tamanha ignorância das pessoas em querer que todos os demais compactuem com a visão de política só porque faz este ou aquele curso. Sou orgulhosamente filiado ao PSDB e sou historiador, professor e militante político. O autor que você cita ao criar esse tópico, possui UM discurso, entre milhares, não questiono sua importância para a Historiografia, mas acho perturbador que um professor de história seja tão tacanho a ponto de querer impor a própria opinião a frente da profissão

Não sou comunista, não sou reacionário, não sigo a esta ou aquela corrente. Tenho minhas próprias convicções e minhas próprias idéias, sugiro a quem criou esse tópico que reavalie seus conceitos, vivemos numa democracia e a classe de professores e de profissionais da educação tem além de tudo a prerrogativa de escolher o que acha melhor, não existe UMA verdade absoluta, existem pontos de vista, e infelizmente gente da esquerda mais truculenta, acaba sendo mais incisivo do que os de direita que tanto criticam... logo, reflita!”

Usuário (a)3- “Não adianta tentar convencer "historiaador" de votar em tucano, pois são pessoas que só TEM AMOR PRÓPRIO. O problema é que nosso país possui uma cultura política mesquinha de segregação social. Rico é rico e pobre é pobre, e quando o pobre é beneficiado pelo governo tanto quanto o rico, o que pensam que são riquinhos caem descendo pau... Têm medo de se misturar, daí chamar sem-terra de bandido porque foram expulsos de suas terras e chamar bolsista de vagabundo como se o Brasil não tivesse uma história de desigualdades sociais... Com o medo de se misturar a partir da igualdade social, eles votam Serra e não tem que mude isto, tá no sangue deles... O fato é que quem mais precisou do governo foi beneficiado. A taxa de miséria de 2004 caiu 8% em comparação a 2003, ano em que Lula tomou posse. Dava tempo de FHC fazer isto nos dois últimos anos de governo, mas não fez. Ainda segundo a PNAD, oito milhões de pessoas saíram da pobreza (classes D e E) ao longo do governo Lula. Medo e desconfiança... O fato é que essas pessoas que foram beneficiadas são maioria, daí Dilma está na frente nas pesquisas e Serra estar partindo para o jogo sujo fazendo a sua mulher chamar Dilma de matadora de criancinha, para vê se ganha o voto

⁷ Dados do Orkut.com. Acesso em novembro de 2010

desses beneficiados... Repito, não adianta tentar explicar, a desconfiança e soberba fazem com que votem em Serra”.⁸

Neste debate é possível perceber a heterogeneidade do discurso sobre as posições políticas que “deve” ter um professor de história. Os usuários (professores/as) utilizam-se dos mais variados artifícios para representar suas identidades, mesmo que sejam temporárias, em relação ao lugar de fala política do historiador. E levantam uma questão muito discutida dentro da academia por muito tempo e que ainda é pertinente: existe um perfil político fixo para um professor de história?

O conceito de rostidade formulado por Deleuze pode nos dizer algo muito interessante a esse respeito, no sentido que nos mostra que os sujeitos são convocados a assumirem um rosto construído para eles, um muro das significações dominantes, muro, onde se inscrevem todas as determinações objetivas, que nos fixam, nos identificam e o buraco negro seria nossa subjetividade, o nosso eu, nossa consciência, nossos sentimentos dando origem ao sistema muro-branco, buraco negro. Sobre isso nos fala Deleuze:

Os rostos concretos nascem de uma máquina abstrata de rostidade, que irá produzi-los ao mesmo tempo em que der ao significante seu muro branco, à subjetividade seu buraco-negro. O sistema buraco-negro muro-branco seria então já um rosto, seria a máquina abstrata que o produz, segundo as combinações deformáveis de suas engrenagens. (Deleuze, 1998. P. 33)

Num outro fórum encontramos o seguinte debate:

O que fazer: todo mundo é "tia"?!

Usuário (a)1- “Eu tenho pavor dessa história de "tia", mas há uma semana estou trabalhando em uma escola de educação infantil onde todas são "tias", da senhora da cozinha à dona da escola. Tenho tentado fazer com que as crianças me chamem de "Carol", mas fico nervosa de ouvir "tia" o dia todo. Sei que é uma prática comum, especialmente na ed. inf., e também que não posso chegar questionando um hábito de muitos anos (a escola é bem antiga).

Alguma de vocês já passou por isso? Como lidaram com a situação?

Simplesmente não consigo achar natural, muito menos "certo", mas não posso causar polêmica porque EU não concordo, ainda mais sendo nova na escola.”

Usuário (a) 2- “Eu trabalho em um colégio q todos os profs. de ed. infantil e fund. I são tias, somente eu e uma outra professora temos essa "visão" de ser chamada de professora ou pelo nome... é meio difícil as crianças se acostumarem quando chegam para mim no início do ano, pois costumavam chamar a prof. do ano interior de tia... mas aos poucos eles se acostumam.... Já fui questionada o pq q peço para me chamarem pelo nome ou como professora e respondi que eu não fiz graduação e pós graduação em "tia"...rs...

No começo todos achavam estranho... mas agora está td bem...”

⁸ Dados do Orkut.com. Acesso em novembro de 2010

Usuário (a) 3- Eu lutei muito nas escolas que trabalhei para, pelo menos amenizar esse odioso tia, mas...noss! é muito difícil, e realmente, todo mundo é Tia, e as outras colegas incentivam e pior, no meu caso, as minhas colegas zombavam de mim, ai é que ficou, tia pra lá tia pra cá, embora sempre trabalhando em escolas publicas, mas sabem, os meus alunos já não me chamavam mais de tia, mas o mais odioso era escutar as colegas me chamando de tia, ai não deu mais..., mas de qualquer forma, sempre resisti, e ainda resisto, afinal temos que vencer pelo cansaço”

Usuário (a) 4- Procure em uma das reuniões pedagógicas, pedir um espaço para discutir sobre este assunto. Coloque-se com segurança, tentando explicar o quanto estudamos para sermos professoras... Será que um engenheiro, ou médico, se deixaria chamar de tio??? Fale do quanto é importante valorizar a nossa profissão. Mesmo que no momento não surte o efeito desejado, a reflexão vai rolar..., e com o tempo tudo vai melhorar...

Boa sorte.

Usuário 4- Não me chame de Tio: sou professor!

Não sou tio de ninguém. Ralei na Universidade, me esforçava para conseguir manter a dignidade. Fiquei muitos finais de semana sem ir ao cinema. Ou juntava grana para tirar umas cópias dos textos das disciplinas ou assistia a um filme no sábado. Ganhava a primeira opção. Digo isso por ter ouvido de uma aluna, recentemente, o singelo epíteto: “Tio, fala aí qual é o texto. Detalhe: duas semanas depois de ter deixado a Xerox no espaço reservado para a turma. Minha vontade era ter lascado uma tesoura voadora na caixa torácica da infeliz. Afinal, era uma pergunta que remetia a total despreocupação com o que aquela besta-aluna observava num cara que ela, provavelmente, considerava idiota. Detalhe: o cara provavelmente era eu, o “tio” que tinha se preocupado com a formação dela. Ainda bem que sou contra a violência física e mental. Afinal, só mesmo um individuo “da família” poderia suportar aquela pergunta saída das trevas, numa sexta feira em que os grilos soavam como um show do Sepultura naquele campus universitário. Tinha coisa pior: a descerebrada ainda tascou aquela pergunta maldita que nem Judas na santa ceia faria a Jesus (Se fizesse ele teria retrucado uns impropérios): tem que ler quantas páginas? Putz... oh vida desgraçada. Duas semanas preparando uma boa aula para uma condenada perguntar quanto ela podia raciocinar para ler um texto. Lembrei do mestre Paulo Freire por outra via. Dignidade e respeito a um profissional que interage e intermedeia o conhecimento: nós os professores. “Tio o c\$#!” Tiazinha o C\$%”#! Diria Freire de outra maneira. Não me esborachei pra ser seu tio... sou um profissional. Não quero que me chame de tio sem ler o texto. Cheguei à conclusão parcial de que se Paulo Freire retornasse do além me acompanharia na tesoura voadora.⁹

Nesta comunidade pudemos observar certa angústia através da recusa de alguns professores ao serem identificados como tios e tias. Aqui parece haver a necessidade de ser reconhecido como profissional, de ser valorizado por isso, uma luta mesmo, para que haja uma separação entre os laços familiares e a escola, como uma instituição de funcionalidade distintas das concernentes à família. A identidade familiar não deve se

⁹ Dados do Orkut.com. Acesso em novembro de 2010

misturar a identidade profissional. Ser tio ou tia na escola parece representar um não reconhecimento às atividades do profissional professor/a.

Vejam os outros exemplos:

Estou Revoltado

Usuário (a) 1-Gentee...

Hoje de tarde fui dar aula muito feliz e satisfeito como sempreee.. Quando bateu o intervalo a diretora mandou uma das moças q traabalham na Secretaria me chamar..

Eu já achei estranho-como estava de boné, imaginei logo q pudesse ser isso, pq n costume usar, mas como n tinha vindo de ksa direto pra escola fui com o boné mesmo e n tirei- foi qdo cheguei na sala dela e ela falou vem aki q eu quero falar uma coisa pra vc, se n for muito incomodo(com essa ironia, eu ja fikei me preparando pra alguma bomba) gostaria de pedir a vc pra tirar o brinco da Orelha(o brinco q ela se refere é ao meu piercing da orelha, tenho um na língua tbm) pq nós n queremos os alunos com esse tipo de brinco e eles podem alegar, mas o prof tbm tem...

Eu na hora me deu vontade de rir, mas levei o caso mais a sério e fikei perplexo, indignado e imaginando se isso se tratava de uma forma de preconceito oculto...

Resmunguei e dei as respostas q achei conivente dar e disse a ela q nao iria tirar coisa nenhuma q isso feria a minha autonomia..

agora pensem aí, ao invés de cobrarem boas aulas dos professores, eles estão cobrando da aparência.. eu disse q tiraria se todos os professores e professoras tirassem o brinco tbm...

mas na realidade o caso é mais grave q isso, pq eu sou tudo q para uma sociedade hipócrita n poderia ser:

*NEGRO, com orgulho!!

*Homossexual, com orgulho!![2]

*Candoblecista, com orgulho!![3]

*Não sou da cidade, me chamam de Forasteiro! kkkkkkk só rindo! foi concurso ora!

*e outras coisitas más q não cabem akii e mto mais....

o q vcs acham dessa situação? será q realmente o uso de meu brinco-esse como único fim- implica mesmo em alguma atitude "negativa" para meus alunos?!

Gostaria de ver a opinião de vcs;; mas estou hiper-mega-Super

REVOLTADO com isso

a piada do dia foi essa!

Bons ventos a todos os que são de PAZ!

Axé!

Usuário (a) 2- Peça à sua Diretora para mostrar a lei que impede o professor de usar piercing. Se tiver na lei cumpra, do contrário pergunte a ela se conhece as palavras "assédio moral". Isso se você estiver bem-humorado. Se estiver mal humorado, mande-a enxugar gelo.

Usuário (a) 3- Não sei. Pela descrição a diretora pediu, não ordenou que ele tirasse brinco. Esse negócio de diretor não poder falar nada com professor não é bom, por mais que rejeitemos diretores autoritários.

Usuário (a) 4- Diretora está com a razão.

Somos um espelho para os alunos.

Nunca vi professor que se preze usando boné pra dar aulas, faça-me o favor¹⁰

¹⁰ Dados do Orkut.com. Acesso em novembro de 2010

Neste fórum a discussão toma outra direção, mas, também vinculada à questão identitária. O foco agora é o controle do corpo do professor/a, através do discurso de normatização legitimado pela instituição escolar moderna. Como podemos observar o discurso dos professores neste fórum não se fixam nesta ou naquela identidade, e sim, notadamente divergem. Há os que concordam com a atitude da diretora da escola e também os que discordam e acreditam que o professor/a deve ser o único a ter domínio do seu próprio corpo e que esta não é uma função da instituição. Além do discurso do próprio usuário que promove o debate. Em princípio o discurso revela como ele mesmo foge de uma identidade fixa e a revela como multifacetada: negro, homossexual, candoblecionista, desterritorializado. Vemos aqui a marcação de diferenças que promovem identidades múltiplas para um único sujeito.

As discussões sobre identidade estão em pauta na contemporaneidade, e os sujeitos da educação assim como todos os outros, também estão sendo convocados a assumirem identidades, que é o que classifica e hierarquiza o sujeito na sociedade. As identidades nesse início de século deixam de ser fixas, mas, sua fluidez deve ser controlada o que nos leva a um paradoxo que parece representar uma discussão interminável, porém, legítima. Sobre isso argumenta Silva:

O processo de produção da identidade oscila entre dois movimentos: de um lado, estão aqueles processos que tendem a fixar e a estabilizar a identidade; de outro, os processos que tendem a subvertê-la e a desestabilizá-la. É um processo semelhante ao que ocorre com os mecanismos discursivos e lingüísticos nos quais se sustenta a produção da identidade. Tal como a linguagem, a tendência da identidade é para a fixação. Entretanto tal como ocorre com a linguagem, a identidade está sempre escapando. A fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo, uma impossibilidade (SILVA, 2000 p. 84)

A escola vê-se diretamente envolvida nessa discussão sobre a identidade por ser ela mesma uma instituição detentora de saber e poder capaz de forjar identidades e de tentar fixá-las através do controle exercido pelas normas. Crianças e adolescentes (alunos/as) devem freqüentar a escola durante anos com o objetivo de tornarem-se “bons” adultos, pessoas educadas, higienizadas, ou seja, “civilizadas” preparadas para viver em sociedade. E os professores/as devem assumir a responsabilidade de tornar tudo isso possível.

O controle e a produção de identidades através das normas estão tão imbricados com a escola que se tornou muito comum se passar despercebido por práticas e situações que foram naturalizadas através de todo um processo histórico. O professor é agora um

trabalhador da escola, com deveres para além da sala de aula, sobre os quais serão inspecionados. Então, duvidar do que é dado como natural passou a ser uma prática dos cientistas sociais que se comprometem a historicizar o que foi naturalizado, essencializado durante muito tempo pela sociedade através da legitimação de determinados discursos.

O sujeito cartesiano, iluminista, com identidade fixa passa a ser questionando junto com a concepção de razão a partir da chamada viragem lingüística associada principalmente ao pensamento do filósofo alemão Friedrich Nietzsche de cujo pensamento Foucault se tornou herdeiro. *“Numa referência a Nietzsche, Foucault afirmará que as coisas estão na superfície, e que atrás de uma máscara há outra máscara e não essências”* (Rago, 1995 p. 74).

Parece muito óbvio a afirmação de que a identidade se constitui na diferença, na negação do outro, já que recentemente muitos teóricos vêm acalorando esse debate bastante pertinente na era da globalização, da sociedade em rede, das crises identitárias, da emergência de novos paradigmas nas ciências sociais e especialmente na história.

Refletir como as identidades estão sendo pensadas, construídas e forjadas no espaço escolar é fundamental para a compreensão das rupturas e continuidades que atravessam a instituição escolar e chegam ao ciberespaço das comunidades das redes sociais nesse início de século.

O descentramento do sujeito faz com que estes sejam convocados a assumirem identidades que parecem fixas e, no entanto não conseguem se sustentar como tal diante do aceleração exigido pela modernidade tardia tornando as identidades cada vez mais efêmeras produzindo uma nova posição dos sujeitos no interior do paradigma.

Stuart Hall prefere o conceito de identificação, ao de identidade por considerar que este último é muito complexo. *“Na linguagem do senso comum a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos e pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal”*. Para esse autor a identidade é construída dentro do discurso, a partir da diferença. *“É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos”* (HALL, 2000 p. 106 e 109).

Nesse sentido, partido do pressuposto de que as identidades são construídas dentro

do discurso e não fora dele é que nos propomos realizar o exercício de analisar o discurso dos professores/as no ciberespaço do Orkut com o propósito de entender como a partir desses discursos são forjadas esta ou aquela identidade para e pelos professores/as nesse início de século marcado pelo inevitável avanço das novas tecnologias da comunicação e informação e de uma sociedade de identidades multifacetadas, fluidas, itinerantes que não se fixam neste ou naquele lugar.

Tomás Tadeu muito mais ligado a educação vai um pouco mais adiante com relação a Stuart Hall e considera identidade e diferença como atos de criação lingüística e resultado de um processo de produção simbólica e discursiva, portanto, interdependentes. *A identidade e a diferença estão, pois em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são nunca inocentes (SILVA, 2000 p.81)*

Admitir que a escola não apenas transmite o discurso, nem só apenas os produz, mas que ela também o legitima fabricando os sujeitos e forjando suas identidades através das relações de poder é um aspecto importante na realização deste trabalho, que propõe observar o cotidiano dos sujeitos no ciberespaço do Orkut refletindo sobre a fluidez das identidades nesse início de século e as relações de poder estabelecidas através e pelos discursos, tendo como objetivo levar adiante a discussão que foca na não fixidez das identidades na contemporaneidade. *Para (HALL, 2006 p.13) “A identidade completamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”.*

A questão principal é como os professores/as identificam a si mesmos como sujeitos, inscrevem seus corpos e legitimam ou não pra si identidades fluidas diante dos discursos construídos historicamente propostos pela instituição escolar e pela sociedade utilizando e ressignificando os espaços de diálogos a exemplo do ciberespaço do Orkut.

Pretendemos então conduzir nossa dissertação de mestrado no sentido de experimentar o momento atual com todos os avanços tecnológicos a fim de analisar historicamente como todas essas mudanças têm contribuído para o descentramento do sujeito na “hipermodernidade,”¹¹ sua relação com as identidades multifacetadas

¹¹ Hipermodernidade é um conceito criado por Gilles Lipovetsky. Lipovetsky cria o conceito de hipermodernidade como uma volta modificada da modernidade e como uma tensão entre o viver o presente e as reações ao futuro. Também envolve um redescobrir e reabilitar o passado. Critica o conceito de pós-modernidade e o coloca como um parêntese entre uma primeira modernidade e outra

produzidas por ele e para ele, analisando se uma crise identitária está em curso ou apenas mudanças nas relações sociais estão provocando tal situação. Levando-se em conta sempre que, estudar redes sociais na internet é estudar uma possível rede social que exista na vida concreta do sujeito que utiliza a comunicação mediada por computador apenas para manter ou criar novos laços. Dede modo a comunidade virtual pode ser definida como um conjunto de sujeitos e suas práticas na reconfiguração de um novo espaço: o ciberespaço.

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.
- GALLO, Sílvio. **Deleuze e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003
- GORE, Jennifer M. Foucault e educação: fascinantes desafios. In SILVA, Tomaz Tadeu (org) **O sujeito da educação: estudos foucaultianos** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008
- GORI, Renata Machado de Assis. **Observação participativa e pesquisa-ação: aplicações na pesquisa e no contexto educacional**. Revista Eletrônica de Educação do Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Goiás [Vol I - n.2] [jan/jul], [2006]
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A, 2006
- LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- LOURO, Guacira Lopes Louro. **O Corpo educado: pedagogia da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- _____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997
- NAPOLITANO, Marcos. A História depois do papel. In: **Fontes Históricas**. Org. Carla B. Pinsky, 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003.
- RAGO, Margareth. **O efeito Foucault na historiografia brasileira**. Rv. Sociol. USP. São Paulo, 7(1-2): 67-82, Outubro de 1995
- RECUERO, R.C. **Comunidades em redes sociais na internet: uma proposta de estudo**. Emcompos, Internet. V. 4, nr. Dez 2005. Disponível em: www6.ufrgs.br/Limcs/PDFs/ana_mia.pdf> Acesso em Jan 2011.
- RHEINGOLD, H. **La comunidad virtual: Una sociedad sem fronteras**. Barcelona: Gedisa Editorial, 1995. Tradução de RECUERO, R. C

SILVA, Tomás, Tadeu A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA. Tadeu T. (Org). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000

SMITH, M. **Invisible crowds in cyberspace**: mapping the social structure off usenet. IN:KOLLOCK, P; SMITH, M. Communities in cyberspace (Org). London: Routledge, 1999. Tradução de RECUERO, R.C

www.orkut.com

www.faceboock.com

www.wikipedia.com